

NOTICIÁRIO

LIMEIRA CULTIVA MEMÓRIA DO SEU PIONEIRO
INDUSTRIAL

Quando for escrita a história de Limeira, capítulo especial merecerá, por certo, a vida e a obra do engenheiro Trajano de Barros Camargo, ricas em detalhes. Descendente direto dos mais antigos povoadores da cidade, é considerado “o pai da indústria limeirense”. Fundador da antiga “Machina São Paulo” – marca de desenvolvimento do diversificado parque industrial desta cidade –, Trajano Camargo foi o responsável, embora indiretamente, pelo surgimento de outras indústrias como a “Zaccaria”, “D’Andrea”, “Fabri”, “Penedo”, “Rodabrás”, além de pequenas metalúrgicas e fundições.

De fato, Trajano Camargo é tido como um fora de série. Basta dizer que praticamente quarenta anos antes da criação do BNH (Banco Nacional da Habitação), ele construiu em Limeira dois conjuntos habitacionais, num total de quase uma centena de residências. “Ele fez casas para operários, onde hoje moram doutores”. A afirmação de um ex-funcionário da “Machina São Paulo”, feita numa roda de aposentados na Praça Toledo Barros, revela a extraordinária figura humana daquele homem carismático que, “muito antes de Getúlio Vargas, já aplicava as atuais leis sociais em sua indústria”. Dizem os mais antigos que Trajano dava aos seus operários “participação nos lucros da empresa”.

Preocupado com a educação e a cultura dos limeirenses, construiu magnífico prédio destinado ao Colégio Santo Antônio. Ao mesmo tempo, fundou uma escola de ensino profissionalizante e instalou uma gráfica, com tipos e máquinas importados, até hoje citada pelos antigos gráficos da cidade. Porém, o que mais chama a atenção daqueles que buscam informações da indústria de Limeira nos arquivos dos jornais é o dinamismo e a impressionante visão empresarial deste homem ilustre, que hoje dá nome à principal rua de Limeira, a uma escola e que tem sua herma erigida em uma das praças centrais.

Nascido em 15 de março de 1890, fez seus estudos em São Paulo, formando-se engenheiro pelo Mackenzie, em 1909. Depois, viajou para os Estados Unidos onde não pôde concluir o curso de especialização, em virtude da morte de seu pai. De volta ao Brasil, lecionou matemática na Escola de Agricultura “Luiz de Queiroz”, em Piracicaba. Após seu casamento com a senhora Maria Thereza Silveira de Barros Camargo (que, mais tarde, viria tornar-se prefeita da cidade), em 1913, fundou com um dos cunhados e um dentista da cidade uma empresa encarregada de

projetar e construir complicada máquina de classificar café, para, um ano mais tarde, fundar a “Machina São Paulo”. Curiosamente, por obra do acaso, Trajano Camargo — que era dotado de extraordinário espírito prático — inventou novo processo de descascar café, quando brincava com um estilingue: em lugar de pedrinhas, ele usava grãos de café e alguns, no choque com uma parede, descascavam, chamando a atenção do arguto Trajano. Foi assim que idealizou um simplíssimo descascador de café, que patenteou em 1920, passando sua indústria a produzir conjuntos completos de 400 arrobas cada um, que, exibidos na Exposição Internacional do Centenário, em 1922, receberam medalha de ouro. Depois disso, a “Machina São Paulo” cresceu tanto que foi obrigada a manter 80 agências espalhadas por todo o Estado e 30 mecânicos viajantes para a manutenção das máquinas já instaladas. E era tão importante, que durante a Segunda Guerra Mundial chegou a ser mobilizada para a fabricação de material bélico. Em 1928, Trajano Camargo adoeceu, vindo a falecer dois anos depois, aos 40 anos, entrando para a história de Limeira como o pioneiro de sua indústria. (João Baptista Petrelli, em “O Estado de S. Paulo”, 16-1-1983.)

*

PELOTAS LUTA PARA PRESERVAR HISTÓRIA

Muito se tem falado em torno da história cultural de Pelotas, conhecida como a “Atenas Rio-grandense”. A cidade, ao longo dos anos, não procurou preservar seus prédios, parte importante do seu crescimento e desenvolvimento. Nos últimos seis anos, uma consciência de proteção do patrimônio tomou conta da população e alguns tombamentos foram obtidos, na área federal.

Por iniciativa do ex-prefeito Irajá Rodrigues, muitas reivindicações foram feitas neste sentido, até que o Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, tombou o conjunto de três prédios em estilo neoclássico — considerado o maior do Brasil no gênero — localizado na Praça Coronel Pedro Osório, no centro de Pelotas, e o Teatro Sete de Abril, um dos mais antigos do País. Recentemente, a Prefeitura Municipal recebeu comunicação do mesmo Instituto de que havia sido tombada, como monumento, a caixa d’água existente na Praça Piratinino de Almeida, em frente à Santa Casa. Esta caixa d’água, toda armada em ferro, e de origem francesa, foi montada em Pelotas em 1815, e adquirida por 5.500 libras da firma Fouille, Frères et Cie., de Paris. Tem uma circunferência de 150 metros e capacidade para 15 mil metros cúbicos.

Todo o patrimônio histórico e cultural de Pelotas será controlado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural